

## ANÁLISE DOS CONTOS DA PRÓXIMA VEZ E SÓ UMA CORRIDA DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Gleyce Rocha RIBEIRO<sup>1</sup>  
Vanessa BARBOSA<sup>2</sup>  
Thyago Madeira FRANÇA<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente artigo contém uma análise de dois contos do livro Espinhos e Alfinetes do autor João Anzanello Carrascoza: *Da Próxima Vez e Só uma Corrida*, tomando como recorte o aspecto da memória e da morte como constituintes dos sentidos da narrativa. Os contos se referem a assuntos que podem acontecer em qualquer família da vida real, como a dor da separação de uma pessoa querida, a recordação de momentos alegres e tristes ao lado de pessoas especiais.

**Palavras chaves:** Perdas. Recordação. Infância. Família. Reencontro.

### ABSTRACT

This article contains an analysis two tales of the book spines and author of pins John Anzanello Carrascoza: *Next Time and One Race*, taking as clipping the aspect of memory and death as constituents of narrative senses. They are stories that deal with issues that can happen in any family of real life, as the pain of separation from a loved one, the happy and sad moments of remembrance next to the special people.

**Keywords:** Loss. Memory. Childhood. Family. To meet.

---

<sup>1</sup>Acadêmica da Especialização Lato Sensu em Estudos Literários. Universidade Estadual de Goiás (UEG - Câmpus Posse) Email: gleyceribeiro2011@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Acadêmica da Especialização Lato Sensu em Estudos Literários. Universidade Estadual de Goiás (UEG - Câmpus Posse) Email: vanessaluzb@gmail.com

<sup>3</sup>Orientador e Professor Mestre em Estudos Linguísticos\_ UFU thymad@gmail.com

## INTRODUÇÃO

João Anzanello Carrascoza nasceu em 1962, no interior de São Paulo na cidade de Cravinhos, sua infância no interior é retratada em suas histórias, garoto que viveu em meio à simplicidade em contato com pessoas, e a cultura local. Logo descobriu o gosto pela literatura, através das histórias contadas por seu pai e também por meio de livros da biblioteca da sua casa. Em seus contos, é possível perceber a influência de suas raízes interioranas, os traços de seu eu interior nos personagens, traços característicos entre autor e obra, o lado menino de enxergar à vida, a influência da natureza sempre marcante, revelando o estado de espírito dos personagens dos contos, a posição da luz do dia, ou da chuva marca essa transitoriedade de sensações.

A Avó comigo, o melhor de nós no pegar juntos a carona das horas, fazendo algo, ou sendo feitos pelos inesperados, como a chuva, os raios riscantes no céu, os trovões estourando tão perto, eu a me abraçar nela, trêmulo.  
(CARRASCOZA, 2010, p.65)

É possível perceber nos seus contos que o amadurecimento tanto físico quanto emocional dos personagens está relacionado ao plano espiritual (plano metafísico), tendo na morte, destino certo de toda a vida, elemento que determina toda a construção das memórias das personagens.

No livro “Espinhos e Alfinetes” de João Anzanello Carrascoza, publicado em 2010, temos os contos “Da próxima vez” e “Só uma corrida”, cujas narrativas são intimistas, em que os personagens trazem assuntos de caráter pessoal, ligados ao passado, sempre retomado em suas memórias. Dessa forma, desencadeada pela morte, percebemos nos contos uma ponte entre presente e passado. Assim, é a morte que faz acontecerem os flashes de memórias que interligam os personagens aos fatos já ocorridos.

Lembrar o passado faz parte da vida. Entretanto, esse ato de rememorar se torna cada vez mais complexo quando há a presença da morte (real ou alegórica), representando as inúmeras perdas sofridas pelas personagens, que, de certa forma, são responsáveis pela constituição da identidade das mesmas.

No conto “Da próxima vez” temos a história de um jovem que adiará fazer uma visita à avó, deixando sempre para depois, noutras oportunidades. Uma ligação de sua mãe o deixa preocupado e ele resolve retornar a casa para ver o estado de sua avó, que não saía dos seus pensamentos, pois ela marcou a sua história. Assim, durante a viagem para tal visita, o jovem

começa a recordar da sua infância e de todos os momentos importantes vividos com a sua avó. É a possibilidade de morte iminente de sua avó que causa as inúmeras recordações que estavam guardadas em seu íntimo.

No conto “Só uma corrida”, temos uma personagem que rememora com saudade várias passagens da sua vida no interior, enquanto trabalha como taxista. Ao perceber um passageiro emocionado no banco de trás, o motorista passa a refletir sobre a passagem do tempo, bem como as inúmeras mudanças provocadas por ele. Assim, é o choro do passageiro anônimo que desencadeia um processo de memórias mortas e guardadas, que trazem um sofrimento por todas as perdas que fazem parte da vida.

Nesse sentido, o presente estudo tem como foco as memórias e reminiscências das personagens, demonstrando como tais processos de memória significam na constituição dos sentidos dos contos. Ao lermos os contos, percebemos que há tantas histórias para recordar, momentos inesquecíveis que se transformaram em simples lembranças, mas que deixam para sempre a sua marca na formação dos seres humanos que são. “Onde eu estava esse tempo todo, sem a Avó, nem na memória? \_eu me perguntava. Mas o tempo, o tempo, só nos damos conta de que ele já se foi, nunca de que ele está indo, o tempo não nos deixa perceber seu acontecimento.”

(CARRASCOZA, 2010, p. 65)

Além disso, acreditamos que o presente estudo dos contos de Carrascoza pode despertar o interesse dos leitores em relação à literatura e ao autor, incentivando a leitura, levando os mesmos a formar sua própria opinião a partir de um referencial teórico. Acreditamos que um bom trabalho com a literatura possa incentivar, também, a relação familiar, promover uma conscientização sobre o respeito aos idosos, além de propiciar uma reflexão sobre as fases da vida, que é marcada sempre por despedidas através do “Até logo”, palavras que trazem a esperança de reencontrar a pessoa novamente. Porém o “Adeus” tem um sentido diferente, pois está ligado à concepção de morte, ou seja, é uma separação mais dolorosa.

Dessa forma, é muito importante ressaltarmos que, nesse trabalho, tomamos a morte num sentido mais amplo. Assim, um casamento que acaba ou uma amizade que se desfaz, por exemplo, são situações que geram um luto, é também algo que morre e que provoca dor e sofrimento.

## Esclarecimentos Específicos

A vida é uma sucessão de encontros e desencontros, mas há casos que já não existirão próximos encontros, a morte é responsável por essa separação. Porém, ela não tem o poder de destruir as lembranças da pessoa que partiu. Nos contos, por exemplo, a morte é que autoriza a tempestade de lembranças.

É possível perceber no conto “Da próxima vez” como as atitudes e os ensinamentos dos mais velhos influenciam as crianças até elas se tornarem adultas é possível notar isso através dessa citação “arrumei sem pressa a bolsa de viagem, uma muda de roupa bastava, e, já, ali, gestos, eu esquecido de que havia tantas coisas suas no meu ser, de homem atual: - As coisas pesadas embaixo – dizia a Avó. – As leves por cima”. (CARRASCOZA, 2010, p. 62).

É imprescindível notar que também há diferenças entre as duas narrativas em estudo, o conto “Da próxima vez” é isento de romance, pois o personagem está focado nas recordações de sua avó, mãe, que participaram mais da sua fase infantil.

Mal entrara no carro me vinham umas lembranças leves, a Avó puxando todas, o motor do meu pensamento, e, dentre as muitas, ela na varanda, aguando seus vasos ao entardecer, sumindo entre as samambaias gigantes, as rendas portuguesas, as hortênsias, ressurgindo detrás dos xaxins, das violetinhas, das roseiras. Ela, tão ela, quieta e satisfeita, em meio às plantas. Como se sempre, para o meu olhar (CARRASCOZA, 2010 P.62).

Enquanto no conto “Só uma corrida” o personagem é um homem casado, bom cidadão e menciona que tem um bom relacionamento com a esposa. Porém, no baú das suas lembranças, existe a Maria Cândida, seu antigo e primeiro amor que passa a ser lembrada ao longo da corrida de taxi.

Verifica-se que o taxista sente-se agradecido pela vida, e se considera um homem de sorte. O mesmo possui uma maturidade reflexiva sobre as várias questões da vida. Seu olhar maduro sobre a realidade transmite uma mensagem de um saudosismo ao leitor: “lembrei do meu pai, que morreu num acidente, justo quando ia cumprir a promessa de me levar em Ribeirão Preto num jogo do Comercial. (CARRASCOZA, 2010, p. 107)

É notável para o leitor que o moço do conto “Da próxima vez” é uma pessoa de bons princípios, ele recebeu amor da sua avó, palavras de esperança, coragem. Quando o mesmo leva um buquê de flores para sua avó, no fundo ele reconhece as boas ações da avó e nada mais justo

do que agradecê-la. O amor que ele recebeu multiplicou dentro de si e tanto amor assim merece ser espalhado, nesse caso ainda deu tempo dela receber uma porção desse sentimento forte, mesmo no seu leito de morte. A presença amorosa do neto tornou sua partida menos dolorosa, porque pelo menos estava na sua frente alguém que ela amava, com palavras de consolo que aprendera com ela: Vai passar!

### **Aspectos teóricos da memória**

O principal princípio teórico mobilizado no presente estudo é o conceito de memória. Nesse sentido, apresentaremos aqui uma reflexão sobre esse conceito, buscando relacioná-lo com as narrativas de Carrascoza. Nesse sentido, o conceito de memória está relacionado ao processo de revisitação de si mesmo e, assim, os personagens vivenciam perdas através da instauração das lembranças, tomadas de significados que caracterizam cada sujeito dentro da individualidade psicológica.

De acordo com Le Goff (2003, p.476), a “memória é um elemento essencial do que se costuma chamar “identidade”, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. Assim, ao fazermos leitura dos contos, percebemos que rememorar os sofrimentos e angústias em decorrência da morte de entes queridos compõe e define a identidade dos personagens dos contos.

Nesse aspecto, percebemos que o resgate das memórias permite uma leitura da conjuntura estabelecida pela relação das reminiscências e sua vida. A memória, então, materializa-se como uma manifestação, uma lembrança que fazem emergir testemunhas do passado das personagens. Logo, a memória nos contos se dará pela infância e convívio com a família, bem como as perdas sofridas nessa fase da vida, os bons momentos e os maus, bem como as lembranças da vida simples em que viveu no interior.

Sobre a memória individual, Halbwachs nos diz que:

A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a um ponto de vista sobre a memória coletiva. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios. (HALBWACHS, 2004, p. 55).

Entretanto, mesmo que haja inter-relação entre memória individual e coletiva, o indivíduo se constitui a partir do vínculo com todos os acontecimentos vividos em sua vida pessoal. Dessa forma, as lembranças não são descartadas pelo acontecimento novo, apenas ganham significados novos e se ressignificam. Ou seja, as lembranças podem ser reconstruídas através de acontecimentos que possibilitam essa revisitação no decorrer da vida.

Acerca do batimento entre o novo e a memória do passado, Pêcheux afirma que:

Haveria assim sempre um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento: - um jogo de força que visa manter uma regularização preexistente com os implícitos que ela veicula, confortá-la como “boa forma”, estabilização parafrástica negociando a integração do acontecimento, até absorvê-lo e eventualmente dissolvê-lo; – mas também, ao contrário, o jogo de força de uma “desregulação” que vem perturbar a rede dos “implícitos”. (PÊCHEUX, 2010, p.53).

Assim, para Pêcheux existe um choque impetuoso entre os laços de memória e as ocorrências vivenciadas no decorrer do discurso. Se de um lado a memória pretende tornar estável e equilibrar os implícitos, de outro temos um esforço para desestruturar e construir um apagamento dos acontecimentos ruins do passado. Percebemos isso nos contos de Carrascoza, em que as personagens têm suas memórias ativadas por acontecimentos que causam certa desestruturação, um deslocamento da zona de conforto. Assim, a memória não é somente a retomada de lembranças, mas ainda um “espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra discursos”. (PÊCHEUX, 2010, p.56).

Nesse sentido, podemos considerar que a memória não se caracteriza com um espaço estático, mas que se torna um ambiente móvel que se movimenta e se reinventa e retoma outros conflitos sobre o discurso. Portanto seria uma retomada no discurso, atribuindo nova significação acerca dos conflitos atribuídos e relacionados.

### **Análise relacionada dos contos**

Ao analisarmos os contos, percebemos que as mortes que ocorrem nas histórias trazem à memória de seus heróis principalmente recordações das perdas marcantes que estes sofreram. O conto “Da próxima vez” foca as recordações de um neto sobre a importância da figura da avó paterna em sua vida, presença intensificada a partir da morte de seu pai, razão pela qual ele e sua mãe foram morar com ela, e devido sua mãe trabalhar o menino e a avó passavam o tempo todo juntos.

Responsável por sua educação, a avó do protagonista, que se encontra à beira da morte, inspirava-lhe coragem para enfrentar a vida, sempre o apoiara em sua partida para a cidade grande. Enquanto sua mãe não conseguiu nem mesmo lhe ajudar com as malas, sua avó lhe ensinara a se preparar para as tempestades, e assim como, quando criança lhe tirava o medo da chuva, ensinara a se tornar homem. Dessa forma, as lembranças que a morte iminente da avó traziam eram responsáveis por um processo de emoção e tristeza muito grande:

Ela operava milagres que eu só descobri mais tarde. A um menino os afagos lhe parecem normais, como se barquinhos de papel pudessem navegar, incólumes, na água grossa da enxurrada. A Avó, no seu macio, fabricava esperanças em mim, quando, indo dormir em sua casa, na escuridão do quarto, antes de me ver sozinho, eu murmurava, estou com medo, e ela, me acariciava os cabelos, \_ vai passar! [...]. (CARRASCOZA, 2010, p. 64).

Podemos considerar que os cuidados extremos a qual a avó dava ao neto caracteriza uma relação de sincero amor entre os dois, já que ele reconhece em si traços da avó que cuidou e zelou por ele a vida inteira. Assim, sua figura era espelho de força e segurança para o mesmo, tendo nela sua maior referência paterna, visto que busca nela a presença do pai falecido. Os afagos eram demonstrados nos mais simples gestos, palavras de conforto na hora do medo, o olhar sempre carinhoso para com ele. Sua infância era marcada por momentos felizes sempre ao lado da avó, zelando por ele por sua felicidade.

No conto “Só uma corrida”, ao perceber um passageiro chorando no banco do carro, o taxista passa a lembrar de situações e pessoas que passaram ao longo de sua vida, gente de sua estima. Por exemplo, a perda de seu pai em um acidente de carro, uma morte inesperada e imprevisível, adiando para sempre as possibilidades de pai e filho poderem construir juntos as suas vidas. É o passageiro chorando que causa as lembranças daquilo que morreu. Pensar em pessoas tão queridas que já se foram é abrir espaço para o sentimento, saudade se intensificar.

O taxista relembra o último aniversário de sua mãe, a família toda reunida, até o irmão que mora no estrangeiro veio celebrar. O tempo converte os acontecimentos passados em reminiscências, único meio de revisitar pessoas amadas que já se foram.

No conto “só uma corrida” o personagem recorda com saudade do seu pai ensinando ele a jogar bola.

No conto “da próxima vez” o neto depois de muito refletir se questiona, onde ele estava que não pensava na Avó, as recordações começaram a aparecer quando sua mãe ligou e disse que sua Avó estava doente, neste momento as lembranças dela vieram intensamente em sua memória. O rapaz reflete sobre o tempo, afirmando que o mesmo está passando, porém as pessoas não percebem este fato. Este conseguiu chegar a tempo de rever sua Avó ainda com vida, entretanto muito debilitada devido os problemas de saúde, ela não resiste e vem a falecer, deixando apenas as lembranças dos bons momentos entre os dois.

É importante ressaltar que não há uma segunda chance para recuperar o tempo perdido, o neto que vivia em outra cidade, sempre adiava a volta a suas raízes, quando realmente resolveu reencontrar sua Avó teve que assistir mais uma perda em sua vida. O tempo segue seu ritmo passando e transformando momentos em lembranças, e deixando saudades as pessoas que tiveram razões e pessoas com quem partilhar esses momentos.

Os contos são embasados em fatos vivenciados na infância, tais como ações corriqueiras do dia a dia como uma criança aprendendo a jogar bola, um fim de semana na casa da avó, o medo da criança pela chuva, o afeto do neto para com a avó, enfim são lembranças que todas as pessoas têm de sua infância, porém o autor enxerga isso com mais sentimento, carregado de intenção, suas reflexões a respeito ganha uma importância maior em si do assunto.

Em situações de perda os personagens continuam seguindo e vivendo suas vidas normalmente e sentindo que é importante relembrar. No caso do narrador do conto “Só uma corrida” ele se sente agradecido pela sua vida, as lembranças que lhe ocorreram naquele momento em que estava dirigindo, fez ele se sentir grato, e continuou a trabalhar e com o coração em paz. Não tem como mudar o que aconteceu, os contos transmitem a mensagem que é preciso recuperar as forças e seguir adiante, guardando o essencial das lembranças na sua memória.

Ao analisarmos os dois contos em estudo, podemos considerar que os fatos são narrados dentro de um tempo e espaço transitório hora em memórias da infância, hora em acontecimentos vividos no passado, espaço urbano e cidade do interior, cada ambiente com suas características específicas sempre em relação com o íntimo das personagens. “[...] A cidade da infância, tão outra nos meus olhos se comparada à da memória. Por minhas palavras ou não a chuva se resignara. [...]” (CARRASCOZA, 2010, p. 66)

Os enredos constituem um conjunto de fatos que se desenrolam a partir do ato de relembrar, sentimento vivenciado e guardado em seu mais íntimo ser, cuja importância vem à tona somente por ter certa significância diante de acontecimentos vivenciados no presente.

Ele se sentou aí, no banco de trás, bem no canto, encostado á porta, na posição em que você está, e quando o passageiro se acomoda assim, sei que não está pra conversa, procuro não me intrometer, eu sempre digo, é só uma corrida, melhor que seja confortável... e foi aí, num relance ao conferir o trânsito lá atrás, que eu vi que ele estava chorando... fiquei pensando no que teria acontecido. (CARRASCOZA, 2010, p.105-106)

O clímax na narrativa se dá sob o prisma das lembranças, o espaço físico se alterna de acordo com os fragmentos de memória hora com a presença intimidadora da chuva, hora intercalada com o tempo aberto e a presença animadora do sol. O sol retrata a infância onde os personagens eram felizes e a maturidade é retratada pela chuva momentos de extremo sofrimento. “Até que, de súbito, ao vencer uma subida, um rasgo de claridade no horizonte à minha vista me instou, a chuva, sussurrei para mim mesmo vai passar”. (CARRASCOZA, 2010, p.66).

Assim, os destinos dos envolvidos na história são caracterizados da infância à fase adulta, os diálogos são curtos carregados de sentimentos: “o mundo sem intermediários, o mundo era o sol naquele quintal, a certeza da Avó ali, recolhendo as roupas no varal”. (CARRASCOZA, 2010, p.66).

Podemos perceber o forte sentido das reminiscências que arrebatam os personagens para o lugar onde passaram a infância, não se trata de um arrebatamento físico, porém conduzido pelo pensamento. Assim, percebemos que é o processo de morte que faz emergir as memórias.

Logo, a passagem do tempo revela o sentido das lembranças guardadas na memória, pois o tempo transforma a criança em adultos, separa as pessoas que se amam e mudam seus destinos. A consciência de que o tempo é passageiro nasce na vida do homem quando ele se depara com a realidade dos fatos da morte. Nesse sentido, percebemos que é a morte iminente da avó que desencadeia os processos de memória:

Na bagagem, era tempo de tirar as coisas de maior peso. Aproximei-me, sem os anos todos que eu tinha, obediente á presença da Avó, homem que se

voltava menino. Sentei-me na banquetta à sua frente. (CARRASCOZZA, 2010, p. 67).

O passado, dessa forma, se converteu em lembranças, o presente terá o mesmo desfecho. É possível através da leitura dos contos, compreender que a dedicação da avó em relação ao neto obteve bons resultados, pois o personagem criou um laço de afetividade com a mesma, nem a distância foi capaz de romper esse sentimento de amor entre os dois. O mesmo ocorre no conto “Só uma corrida”, apesar de estar longe de sua cidade natal, o personagem guardava na memória as suas origens.

O senhor para quando o taxímetro marcar vinte reais, e eu falei, não, minha senhora, pelo amor de Deus, não me custa nada, imagine se eu ia deixar uma senhora no meio do caminho com uma criança doente, era só uma corrida, não ia me fazer falta. (CARRASCOZZA, 2010, p.108).

As lembranças não vêm do vazio, mas sim de experiências vivenciadas através do tempo. São momentos acumulados durante a fase da infância e adulta. A separação é algo inevitável, a vida é feita encontros e desencontros. É imprescindível destacar que as recordações que surgem na mente dos personagens revelam sua identidade e vida familiar. As lembranças tem a capacidade de fazerem as pessoas sorrirem e chorarem. Ela é uma condutora, pois através dela é possível reencontrar pessoas queridas, revisitar lugares, porém com uma visão diferente. Lembranças propiciam uma busca pelo conhecimento do eu interior, aproximam o ser humano de suas origens.

Eu já decidira visita-la no dia seguinte, mudando os meus planos para o fim de semana. Adiar a ir noutras oportunidades, mas essa era a vez, a vital, não as já vividas, nem a próxima. Quinhentos quilômetros nos separavam. Não era distância demais; maior, seria percorrer os anos de saudade que tinham se estendido entre nós\_ essa, sim, uma longa rodovia, onde eu já a resgatava nas pistas da memória, antes do frente a frente, o aguardado reencontro. (CARRASCOZZA, 2010, p. 62).

Assim, o retorno às origens pode ser percebido nos dois contos, no conto “Da próxima vez” o rapaz vem de encontro a sua avó, no lugar onde passou a infância. Já no conto “Só uma corrida” é diferente, pois o personagem estava trabalhando, seguindo sua rotina cotidiana na cidade de São Paulo, não retornou fisicamente de Cravinhos sua terra natal, mas em pensamento sim, guiado pelas suas infindáveis lembranças.

E é o que eu mais vejo no meu trabalho, pessoas partindo, o tempo todo, aeroporto, rodoviária, hospital... Aí eu continuei a lembrar de Maria Cândida

(queria ter encontrado ela outra vez, só pra conversar, andamos um trequinho juntos!), e lembrei das meninas lá em casa me esperando, eu sempre chego quando elas estão dormindo, lembrei do meu pai me ensinando a jogar bola. (CARRASCOZA, 2010, p. 109).

Os contos são narrados em primeira pessoa, seus personagens narram situações em que vivenciaram perdas importantes em suas vidas, presença receosa da morte, causa de reencontros e desencontros dos “eus” interiores dos personagens com o passado, e suas raízes. “[...] Vai passar\_eu falei. Ela fechou os olhos e disse: \_vai. Ia podíamos sentir. Para sempre, dessa vez.” (CARRASCOZA, 2010 P. 68).

As perdas paternas sofridas pelos dois personagens os tornaram mais ligados ao lado materno (feminino) sentimental influência das mulheres na vida dos personagens, no conto da Próxima Vez teve a presença da avó de forma intensa na vida do neto, contribuindo para a construção do homem a que veio se tornar, e o outro conto sendo a esposa seu referencial de felicidade e segurança.

A Avó me aparava as unhas com a tesourinha, enquanto me contava histórias, Avó fazendo os bolinhos de chuva que eu pedia, a Avó a sacudir a velha panela para o estralar do milho-pipoca, a Avó soprando meu ferimento que sangrava pela queda da bicicleta, e eu, está doendo, e ela, vai passar. (CARRASCOZA, 2010, p. 63)

Dessa forma, as reminiscências dos contos “Da próxima vez” e “Só uma corrida” têm a finalidade de despertar no leitor um interesse sobre os acontecimentos da vida, convida o mesmo para uma profunda reflexão sobre a importância da família, dos amigos, do amor.

Há tantos pontos em comum nos contos, como a volta ao passado (resgate das memórias), saudade do tempo passado, o personagem principal de cada conto não tem o nome revelado, a presença da chuva nos contos se alternando entre cada fragmento de memória reencontra com pessoas do passado, as lembranças da infância e da avó.

Mas o elemento que dialoga nos contos e que consideramos mais significativa é a questão da morte, sempre presente na vida dos personagens, através das várias perdas de bons momentos e de pessoas queridas.

Lembrei da lua naquela noite em Cravinhos com a Maria Cândida; lembrei do dia em que o Comercial ganhou do Santos (o Santos tinha um timaço na época!); lembrei de outras coisas boas, que eu tinha me esquecido, e só de lembrar eu me senti um homem de sorte, era tudo o que eu era naquela hora.” (CARRASCOZA, 2010, p.109)

Um outro elemento que consideramos significativo é que tanto o personagem do conto Da próxima vez como o outro de Só uma corrida são órfãos de pai: “Assim, também, os vários anos no dia dos Pais: na escola, a gente se desenhava com o nosso pai, os dois juntos, uma árvore, a bola de futebol, a casa, a mãe ao lado. E como o meu pai, filho ela, partira cedo, eu a buscava, sentindo a toda ausência dele”. (CARRASCOZA, 2010, p. 64). Dessa forma, a morte já faz parte da constituição das personagens em foco. A própria existência dessas personagens já tem como princípio inicial a ausência da figura paterna.

Assim, nos contos de Carrascoza há um lugar em que a memória reconfigura e preserva experiências vividas pelos personagens, fazendo emergir uma anterioridade histórica (FRANÇA, 2009), tomada como a presença do passado no presente, uma construção do inconsciente que, nas narrativas, é a inserção do sujeito em uma historicidade de contexto social e familiar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos os contos de Carrascoza, percebemos que é a morte o elemento determinante dos processos de memória. Tanto em “Só uma corrida” como em “Da próxima vez” existe um determinado acontecimento relacionado à morte ou perda que desencadeia a viagem no tempo das memórias, das lembranças vividas que já se foram, que não podem ser recuperadas.

Dessa forma, ainda que as perdas das personagens sejam dolorosas, o tempo trata de minimizar o sofrimento ou reciclar e ressignificar as dores através do simples fato de recordar. Logo, ora as memórias causam nostalgia boa, ora fazem com que a dor da perda passada ou eminente traga todo o sofrimento causado por grandes perdas.

Assim, tanto a ligação sobre o estado de saúde da avó, como o choro do passageiro anônimo são símbolos que permitem que as personagens saiam de certa zona de conforto e constroem várias lembranças que, mesmo sendo boas, trazem certo saudosismo com dor. Lembrar, nos contos, é reciclar um contato com várias perdas da vida, inclusive de bons momentos e de pessoas queridas.

Dessa forma, a morte é presença significativa nos dois contos, a primeira morte desencadeia todo o sentimento de dor angustia e inquietação nos contos, que é a morte da infância. Ao perder a inocência, o peso das perdas se tornam maiores, quase impossíveis de serem suportadas. Porém, a memória leva os nossos heróis a um aprofundamento em si mesmo, trazendo a essência radiante, sonhadora e pueril da infância, tornando o fardo das perdas menos doloroso em suas vidas.

Logo, nos contos de Carrascoza, percebemos que a maturidade representa a fase racional, portanto menos emocional, de maneira que a vida sempre é vista de uma forma mais séria e, por isso, sofremos de forma mais intensa as perdas do passado ao recorda-las, já que entendemos que na infância não encaramos essas perdas tão amarga quanto nos parece na maturidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lucas Toledo. **A escrita silenciosa de João Anzanello Carrascoza**. Publicado em: [http://lounge.obviousmag.org/paginas\\_intempestivas/2014/06/aescrita-silenciosa-de-joao-anzanello-carrascoza.html](http://lounge.obviousmag.org/paginas_intempestivas/2014/06/aescrita-silenciosa-de-joao-anzanello-carrascoza.html). Acessado: em 15. 10. 2015, 08: 47

CARRASCOZA, João Anzanello. **Espinhos e alfinetes**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

FRANÇA, T. M. **Sentidos do signo “dízimo” no jornal “Folha Universal”**. 2009. 127f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2004.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. São Paulo: UNICAMP, 2003.

MORDZINSKI, Daniel. **Estudos lusófonos**. Disponível em:

<<http://etudeslusophonesparis4.blogspot.com.br/2012/04/um-dedo-de-prosa-com-joaocarrascoza.html>>. Acessado em 14.10.2015, 10: 25

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010. p. 49-57.